

MUDANÇAS E RESISTÊNCIAS QUE PERMEIAM O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA; PCN: A TEORIA E A PRÁTICA

Célia Maria DAVID¹
Mariana Canavezi de VITTA²

Resumo: Este texto busca destacar os resultados da pesquisa realizada, por intermédio do Núcleo de Ensino da UNESP, em duas escolas públicas da ROE de Franca, cujo objetivo foi detectar mudanças e resistências concernentes à implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de História. Os dados coletados são frutos de observação direta das aulas de História e do espaço da escola como um todo. O recorte das salas a serem observadas, em ambas escolas, recaiu sobre a 7ª série do Ensino Fundamental, considerando que ela introduz um novo ciclo e, fala geral, é tida como de difícil trato dada à idade dos alunos – média 13 anos. Foram, entrevistados alunos, professores e os professores-coordenadores. Pode-se constatar, a partir da sala de aula e, de maneira mais ampla no interior das escolas entraves de ordem didático-metodológica que inviabilizam a implementação dos princípios norteadores dos PCNs. Estes entraves são traduzidos pelos profissionais entrevistados como decorrentes, principalmente, da maneira banalizada com que os órgãos políticos-governamentais, tratam a educação do nosso País; a educação brasileira carece de investimentos.

Palavras-chave: implementação; teoria x prática; PCN; políticas-educacionais; ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A partir do processo de redemocratização do país, latente na década de 1980, a educação de modo geral passou por vários questionamentos e, em se tratando especificamente do ensino de História, podemos dizer que as suas diretrizes começaram a ser reavaliadas e redefinidas.

O objetivo da pesquisa - o processo ensino e aprendizagem em História – circunscreve-se no âmbito das mudanças e resistências frente à implementação dos “Parâmetros Curriculares Nacionais de História” lançados oficialmente em 1997 pelo Ministério da Educação. Este documento ganhou curso com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/1996, no bojo da Constituição Federal de 1988, que detalha os encaminhamentos para as reformas educacionais frente às transformações sociais do cenário brasileiro das últimas décadas. Em seu artigo 26, lê-se:

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por parte

¹ Professora de Prática de Ensino de História do Curso de História da UNESP/Franca. Coordenadora do Projeto.

² Aluna do 3º ano do Curso de História da UNESP/ Franca. Bolsista do Projeto.

diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

A respeito do ensino de História, destaque para o quarto parágrafo deste mesmo artigo:

§ 4. O ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africana e européia.

Para a disciplina História os PCNs propõem um ensino no qual as formulações teóricas de caráter pedagógico alicerçam-se no construtivismo piagetiano e a concepção historiográfica assenta-se na chamada História Nova, que, entre outros de acordo com Le Goff se propõe a “recusar a História superficial e simplista que se detém na superfície dos acontecimentos e investe tudo em um fator” (LE GOFF, 1990, pg. 31). Recorrendo-se aos PCNs, nesta linha de raciocínio, a proposta é de alargamento do sentido e importância dados aos conteúdos, para além dos acontecimentos e conceituações incorporando-se, nesta prática, procedimentos e atitudes a serem trabalhados com os estudantes como meios para atingir-se os objetivos da História.

Considerando que a escola vive contradições fundamentais nas quais alguns de seus agentes lutam por mudanças e outros pela manutenção do tradicional, importa-nos então, avaliar o que ocorre no interior das escolas para compreender, no caso, como se aprende e ensina História.

O PROJETO

Para uma maior reflexão e, na tentativa de responder a essas questões e verificar o impacto causado pelas novas concepções historiográficas e didático-metodológicas, na pauta dos PCNs, no interior da sala de aula, na tentativa de se compreender como se aprende e ensina História dentro do ambiente escolar, fez-se uma pesquisa de campo em duas instituições de ensino público do município de Franca-SP, que serão apresentadas como escola *número 1* e escola *número 2*.

O recorte recaiu sobre a sétima série do Ensino Fundamental, primeira do quarto ciclo, considerando que ela introduz um novo ciclo e, fala geral, é tida como de difícil trato dada à idade dos alunos – média 13 anos.

Foram realizadas, no decorrer da pesquisa, um total de quarenta visitas, sendo vinte em cada escola, que consistiram, prioritariamente, na observação das aulas. Concomitantemente foram entrevistados professores, coordenadores e vinte alunos em cada uma das escolas. Além

das entrevistas ocorreram conversas informais com todos os envolvidos, o que facilitou o contato entre as partes.

A escola que chamaremos de *número 1* localiza-se no Bairro Jardim América. Ela não é muito espaçosa, se comparada com outras escolas públicas de Franca. Conta com um total de dezoito salas de aula e, destas, somente dez abrigam o Ensino Fundamental nos períodos da manhã e tarde, as oito restantes atendem ao Curso Supletivo que só funciona no período noturno. A biblioteca funciona nos períodos da manhã e da tarde, mas, basicamente, atende à retirada de livros pelos alunos durante as aulas de Português. As salas de aula não são grandes, comportam no máximo trinta e cinco alunos cada uma, e junto com o refeitório, os sanitários estão dispostas ao redor do pátio, que é bem espaçoso. A quadra de esportes, onde são ministradas as aulas de educação Física, localiza-se nos fundos da escola. Interessante registrar que a escola mantém uma padaria artesanal onde os alunos aprendem a fazer massas. Nesta escola, a classe observada contava com uma média de vinte e oito alunos: doze meninas e dezesseis meninos. O quadro de funcionários parece-me estar completo: uma inspetora de alunos, um servente, três secretárias, uma bibliotecária e duas cozinheiras, além dos professores, diretora e da professora-coordenadora.

Nesta escola a professora transcrevia, no quadro negro, textos do livro didático, passava exercícios e questionários com respostas prontas a respeito do assunto tratado. Quando alguma atividade diversificada era trabalhada, como músicas e poesias, o quadro negro era também o instrumento usado para realizá-las. As explicações sobre os assuntos surgiam com o decorrer da escrita na lousa. Ao introduzir um novo assunto, a professora falava sobre este no início da aula fazendo alusão à situação atual do país ou do mundo. Nota-se que quando a professora falava sobre coisas atuais os alunos ficavam um pouco mais atentos e às vezes discutiam sobre o tema, mas a bagunça logo recomeçava. Na maioria das vezes, quando a professora estava passando a matéria na lousa somente um pequeno número de alunos, entre cinco e oito, copiavam o que era pedido. Os demais conversavam sobre os mais variados assuntos como celular, namoro, novela. Durante todas as aulas, era possível observar, um grupo de meninos que cantava normalmente em voz bastante alta, atrapalhando muito a aula. Esses alunos foram questionados sobre o porquê dessa dispersão durante as aulas e a resposta foi que na escola eles encontram os amigos que tem gosto em comum e por isso ficam conversando, já que em casa isso não pode ser feito.

Alguns alunos dessa classe afirmaram que se a professora procurasse não passar tanta lição na lousa e, ao invés disso, promovesse discussões sobre os assuntos apresentados, com a classe, utilizando recursos como músicas, filmes, etc, as aulas seriam bem melhores por que eles se interessariam mais pelos conteúdos, e conseqüentemente a classe seria mais

comportada. Quando a professora foi questionada sobre a sua maneira de trabalhar e as mudanças que acarretariam no desenvolvimento das aulas se elas fossem ministradas de modo diferente, ela afirmou que a falta de interesse dos alunos com relação às suas aulas, não a estimulava a desenvolver um trabalho diversificado, além disso, tinha que trabalhar muito para conseguir um salário que desse para viver e por isso não tinha tempo para preparar aulas que atendessem ao interesse de cada turma.

Quando a indisciplina nesta sala estava fora do “normal”, a professora recorria à Diretora por que parecia que somente assim os alunos se intimidavam e os que eram considerados mais bagunceiros eram levados para a Diretoria. Quando a situação fugia ao alcance das autoridades da escola, a Ronda Escolar³, era acionada e os pais comunicados sobre o comportamento dos filhos e intimados a tomarem providência. Mesmo assim, segundo a Diretora da escola, muitos alunos não modificavam seu modo de agir e a escola ficava, não raras vezes, sem saber o que fazer diante de tanta violência e falta de respeito com a instituição.

Para acompanhar o desempenho dos alunos era feita uma avaliação bimestral. Tratava-se de uma prova realizada com consulta ao livro didático e a média resultava da soma com a nota de comportamento e participação. Mesmo podendo utilizar o livro como apoio para a avaliação, muitos alunos o deixavam em casa para não realizarem a prova e com isso não atingiam a média necessária e ficavam para recuperação. Mesmo nas provas de recuperação a indiferença permanecia, os alunos continuavam não levando o livro didático para a prova e continuavam ficando sem média para aprovação. A professora desta sala dizia não ter autoridade para fazer com que os alunos fizessem o que ela pedia por que eles não a respeitavam e por isso a única maneira de fazer com que eles valorizassem o aprendizado era encaminhando-os para o reforço, cujo funcionamento era fora do horário normal das aulas. O argumento, de acordo com a professora era que os alunos não gostavam de permanecer mais tempo que o necessário na escola, então tentavam melhorar nas matérias e no comportamento para saírem do reforço.

Nesta escola foi realizado um projeto de cunho interdisciplinar intitulado “Imigrantes” que contou com a participação dos professores de Português, História e Geografia. O projeto teve como objetivo discutir com os alunos a importância dos Imigrantes para o desenvolvimento do país, fazendo-os refletir sobre o que ocorreu no Brasil desde que essas populações aqui chegaram. Com a História pretendia-se resgatar a genealogia dos alunos para mostrar-lhes de onde vinham seus antepassados e procurou-se também estudar um pouco dos países de origem. Foi pedido aos alunos para pesquisarem sobre suas famílias e o país de onde originavam, porém, poucos alunos desta classe participaram. Na conclusão do projeto foi organizada uma excursão

³A Ronda Escolar é feita por Policiais Militares com o objetivo de promover a segurança de estudantes, professores e servidores dos estabelecimentos de ensino em todos os níveis e horários de funcionamento.

até a cidade de São Paulo para uma visita ao Museu do Imigrante. Somente oito alunos desta classe fizeram a viagem; os outros não se interessaram pelo projeto. Após a ida ao Museu do Imigrante foram realizadas discussões e uma exposição de fotos na escola. Os alunos que foram ao Museu do Imigrante tiveram oportunidade de socializar suas experiências com os colegas. A afirmativa foi de que a viagem e a exposição foram uma ótima maneira de concluir o projeto já que assim eles puderam refletir sobre tudo o que viram e aprenderam.

A escola *número 2* está localizada na vila Chico Júlio. A estrutura física é mais ampla. Há vinte salas de aula sendo utilizadas no período da manhã, período no qual se deu a observação nesta escola. O espaço é distribuído em dois andares. No térreo se encontra o pátio, a cantina, a quadra de esportes, a biblioteca, o refeitório e os sanitários. No primeiro andar se encontram a secretaria, a sala dos professores, a sala da diretora e a da coordenadora. As salas de aula ficam no segundo andar. São bem espaçosas e comportam uma média de quarenta e cinco a cinquenta alunos. Na classe observada a média de alunos era de quarenta e nove, sendo vinte e seis meninas e vinte e três meninos. O quadro de funcionários é composto três secretárias, uma bibliotecária, dois serventes, duas cozinheiras e por inspetores de alunos, sendo que um deles atende à portaria. Além da diferença existente entre a estrutura física e administrativa dessas duas escolas, há também uma grande diferença relacionada à forma na qual as professoras das salas observadas ministram suas aulas.

Nesta escola o conteúdo era ministrado, na maioria das vezes, oralmente. As aulas eram bastante dinâmicas com a participação ativa dos alunos. A professora sempre pedia para que os alunos lessem o texto do livro didático. Cada aluno lia um trecho em voz alta e os outros acompanhavam silenciosamente. À medida que a leitura era realizada a professora explicava o conteúdo exemplificando e fazendo referências ao cotidiano dos alunos. A interpretação de figuras presentes no livro didático era um recurso muito utilizado durante as aulas e gerava bastante discussão. Os alunos tinham um caderno destinado somente para o registro de pesquisas referentes aos assuntos estudados. Essas pesquisas eram feitas em casa e as dúvidas e curiosidades encontradas eram discutidas com todos em sala de aula. A professora incentivava os alunos a utilizarem a biblioteca da escola para pesquisar os assuntos abordados e os que possuíam computador podiam utiliza-lo para auxiliar nos trabalhos. Em todas as aulas a professora conferia o caderno dos alunos para verificar se fizeram os deveres e isso também era computado na nota no final do bimestre. Quando o texto a ser utilizado não constava do livro didático, a professora ditava o conteúdo e se a classe não colaborava para que isso fosse feito o quadro negro era utilizado como ameaça para que os alunos se comportassem. A ameaça era que o texto seria passado na lousa e que ela, a professora, não faria comentário algum sobre o mesmo; o aluno que deixasse de copiar teria que fazer um trabalho individual sobre o tema. Quando a

professora fazia essa ameaça os alunos logo paravam de conversar e faziam o que lhes era pedido. A professora levantava questões para gerar a discussão e melhorar a compreensão dos alunos diante dos conteúdos trabalhados. Segundo ela, é muito importante que os estudantes percebam que a escola pode lhes auxiliar a ver o que ocorre no mundo e o que os alunos podem fazer para melhorar suas vidas. Os estudantes dessa classe, em sua maioria, diziam gostar da forma como a professora trabalhava por que compreendiam o que estavam aprendendo e a importância da História para sua realidade.

O nível de indisciplina nesta sala durante as aulas de História era relativamente baixo. Os alunos conversavam, faziam brincadeiras, mas quando a professora chamava a atenção havia uma mudança no comportamento. Dos vinte alunos entrevistados nesta escola, doze afirmaram ter um bom comportamento durante as aulas desta professora por que ela conseguia fazer com que a aula ficasse interessante e eles diziam se sentir prejudicados quando não participavam das aulas por que além de ficarem sem nota, a professora era muito legal. Poucos alunos não faziam a tarefa pedida. A avaliação era feita com consulta ao caderno e ao livro didático, sem prévio aviso. Os alunos participavam da primeira avaliação com empenho por que diziam que a prova de recuperação era muito mais difícil de se realizar.

Nesta escola foi realizado um projeto interdisciplinar chamado “Terra Paulista” que contou com a participação dos professores de Português e Geografia. O projeto tratou da História do Estado de São Paulo, desde os primórdios: bandeirantes, a agricultura, escravos até a industrialização e a cidade de São Paulo. A classe toda participou do projeto que foi realizado paralelamente às aulas que já estavam no programa da professora no início do ano: duas aulas eram sobre o projeto e outras duas sobre os conteúdos programados. Para concluir o projeto os alunos realizaram discussões dentro da sala de aula sobre os variados assuntos abordados e posteriormente realizaram uma exposição com textos, mapas, fotografias e figuras na qual contaram com o apoio da professora de Educação Artística para desenvolvê-las.

A professora considerou o projeto de suma importância para a compreensão da formação do Estado de São Paulo, ambiente no qual estão inseridos, e disse ter conseguido em conjunto com os outros professores, atingir o objetivo do projeto e também mostrar para os alunos que o ensino não pode ser fragmentado. A professora, em seus relatos disse que no início do projeto os alunos não compreendiam o porquê da professora de História trabalhar com os professores de Português e Geografia e ainda contar com a ajuda da professora de Educação Artística.

Por intermédio das entrevistas pode-se afirmar que, para os alunos, o interesse pelas disciplinas ministradas é decorrente da maneira como os docentes trabalhavam e que, para

os docentes, a melhor maneira de trabalhar é com alunos interessados. Resta-nos então questionar o que ocorre dentro de uma sala de aula se aparentemente os interesses são semelhantes?

Dos alunos entrevistados, quinze consideravam História como uma disciplina desinteressante e que só trata de assuntos que já passaram e pessoas que já morreram. Sentiam não ter necessidade de aprender esta Disciplina por não ser referente ao seu presente e por não tratar de assuntos práticos que o relacionassem a um emprego futuro. Normalmente, esses eram os alunos que não participavam das aulas e que de modo geral até as atrapalhavam. Vinte e cinco afirmaram considerar a História importante, pois os remete ao passado fazendo com que estes conheçam como foi a vida de seus familiares e a importância dos acontecimentos anteriores nas suas vidas hoje. Notou-se então, que para os estudantes, as disciplinas que tinham ligação direta com a sua realidade, com o presente e até mesmo com o seu futuro eram as mais aceitas.

Um dos pressupostos dos PCNs para o Ensino de História é fazer com que o aluno questione a realidade em que vive e deixe de ser um sujeito passivo, tornando-se agente do seu próprio conhecimento. A teoria é clara, todavia, a pesquisa revelou que as propostas feitas pelo MEC, neste documento, não traduzem a realidade vivida por alunos e professores no interior da sala de aula.

A professora da escola *número 1* trabalhava todos os dias da semana nos períodos da manhã e da tarde; duas vezes por semana trabalhava também à noite. Ela alegava não ter estímulo para trabalhar por que os alunos não a respeitavam e ainda porque tinha que trabalhar muito para conseguir um salário digno. Dizia não ter tempo para se especializar e participar de cursos, nem tampouco para preparar aulas que fossem inovadoras e atrativas como a proposta exige. Destacava, ainda, que a precariedade na qual o ensino se encontra hoje contribui para que a escola seja vista, por seus agentes e pela sociedade como uma instituição sucateada que não merece respeito. Para esta professora, a proposta dos PCNs é muito boa mas na prática é impossível de ser aplicada devido aos problemas encontrados dentro da sala de aula, tais como a indisciplina, o grande número de alunos em algumas salas, a falta de preparo dos professores e a precariedade dos materiais.

O mau comportamento dos alunos, para essa professora, é fruto da falta de preocupação dos pais com relação ao ensino de seus filhos. Muitas vezes os pais não se preocupam com o desenvolvimento escolar dos filhos, prova disso é o fato dos pais não comparecem às reuniões de Pais e Mestres e nunca podem comparecer à escola quando eram chamados por que estavam trabalhando. A professora ainda afirmou, que antigamente os alunos

sofriam pressão dos pais e da escola para que fossem comportados e tirassem boas notas, hoje o que eles querem é o diploma para poder trabalhar e não depender mais dos seus pais.

A escola pública de modo geral sofre as conseqüências do mau investimento na educação, o que se constata, por exemplo, quando abordamos as condições materiais de trabalho dos professores..Segundo a proposta dos PCN , além dos manuais didáticos, outros recursos como o trabalho com documentos, visitas a museus, exposições, sítios arqueológicos, cidades históricas, devem ser utilizados para que as aulas sejam mais condizentes com os interesses dos alunos. Entretanto, na escola *número 1* , por exemplo, quando a professora necessitava de filmes e jornais que são materiais mais simples, ela tinha que alugar ou comprar, pois os alunos, em sua maioria, não tinham como colaborar financeiramente com esse tipo de material. A escola fornecia vídeo-cassete e televisão, mas o filme ficava por conta da professora que, muitas vezes desistia de trabalhar com esse tipo de material, pois acabava se tornando inviável devido ao custo e ao tempo de aula já que normalmente um filme não dava para ser passado em uma aula, o que fazia o seu custo ficar ainda maior.

Comparando com a escola *número 1*, em matéria de investimento não há muita diferença na escola *número 2*. A maior diferença se encontrava com relação às professoras. Como já foi mencionado, a professora da escola *número 1* trabalhava todos os períodos quase todos os dias da semana, já a professora da escola *número 2* trabalhava somente no período da manhã e nesta escola. Ela afirmou que tinha tempo para ir a cursos promovidos pela Secretaria de Educação do município sem prejudicar o andamento de suas aulas e, além disso, dizia preparar suas aulas buscando atender às diferenças existentes entre cada turma e procurando compreender o universo de seus alunos. Dizia que é fundamental poder preparar os conteúdos com cautela para realizar um bom trabalho e que a maioria das suas colegas de profissão não conseguiam preparar suas aulas com estímulo, porque trabalhavam muito.

A professora disse utilizar recursos como o livro didático e a biblioteca para estimular a interpretação e a pesquisa nos seus alunos. Afirmou, ainda, não contar com outros tipos de materiais por que a escola não tinha como fornecê-los e os alunos não podiam contribuir financeiramente para isso. Por isso, ela trabalhava com mapas e outros materiais que a escola dispunha sem necessitar de novas aquisições. Alguns alunos que possuíam computador colaboravam com a aula trazendo novos textos, mas o número de alunos que possuíam este equipamento era muito pequeno comparado ao número de alunos na classe.

Ambas professoras acham que as propostas feitas pelos PCNs são realmente inovadoras. A professora da escola *número 2* dizia se adaptar mais facilmente às propostas por que tinha tempo e suporte teórico para desenvolvê-las, já que participava de todos os tipos de

cursos fornecidos pela Secretaria de Educação. Porém, há uma grande parcela de docentes que não tem condições de participar dos cursos oferecidos ou por falta de tempo ou por falta de estímulo e consideram que as propostas são inovadoras e mudariam a estrutura da educação no Brasil desde que fossem trabalhadas em conjunto com mudanças na base da educação. Ambas julgam os PCN como um ótimo referencial para que a escola se ajuste aos interesses dos estudantes, o que faltam são meios para realmente aplicá-los.

Outra afirmativa das professoras, digna de registro, é que e os alunos não têm estímulo para estudar por que não repetem mais a série. Uma parte dos alunos das duas escolas estudadas dizia não se importar com os conteúdos que as professoras, de modo geral, ensinavam. A escola era considerada como um passa tempo e alguns alunos diziam que se repetirem o ano, por frequência, preferiam parar de estudar para trabalhar e fazer mais um ano a mesma série. Isso comprova a idéia de que a escola está cada vez mais banalizada e seu papel dentro da sociedade como um todo não tem mais sentido enquanto órgão formador, pois, ao que parece, para as professoras o que resta é trabalhar para garantir o salário e para os alunos o que basta é conseguir o diploma para obter um emprego melhor.

Vemos, no interior da sala de aula, que o espírito crítico que deveria existir para que opiniões fossem formadas não existe mais e que a passividade é o que prevalece diante da realidade. Mesmo tendo os Parâmetros Curriculares Nacionais em mãos para discutir o que deve ser feito e como trabalhar determinados assuntos dentro do ambiente escolar, as professoras se perdem ao entrar em contato com a realidade que, quando encarada, mostra que a teoria diz respeito ao aluno ideal e a prática docente se relaciona diretamente com o aluno real, criativo e contraditório.

É fato que os PCN fornecem às professoras meios para conhecer seus alunos, prova disto é que nos critérios de avaliação do quarto ciclo prevê-se que a professora realize uma avaliação para diagnosticar os conhecimentos anteriores de seus alunos escolhendo assim os conteúdos a ministrar no decorrer do ano.

Como no terceiro Ciclo, é importante realizar uma avaliação diagnóstica, considerando o conhecimento prévio, os domínios e as atitudes dos alunos, as suas conquistas ao longo dos estudos e se as intervenções didáticas foram significativas e repercutiram em aprendizagens (BRASIL, MEC, 2001, pg 74).

Ao conversar com a professora da escola *número 2* constatamos que quando o ano letivo se iniciou ela realizou uma espécie de entrevista com seus alunos para conhecê-los e optar pela melhor maneira de trabalhar com eles. Disse que este procedimento facilita e dinamiza suas aulas e faz com que seus alunos se interessem pelos conteúdos trabalhados. O maior problema

encontrado por esta professora era descobrir a diferença existente entre os conhecimentos dos alunos referentes ao que aprenderam em anos anteriores. Segundo a professora muitos alunos vinham de classes diferentes e havia casos em que os alunos eram da mesma sala e por motivos de indisciplina ou dificuldade de aprendizagem não conseguiam assimilar os conteúdos igualmente.

Dentro desta questão, a maior crítica feita pelas professoras e coordenadoras com relação aos princípios norteadores dos Parâmetros Curriculares Nacionais diz respeito dos Eixos Temáticos. Segundo os PCN, os eixos temáticos deveriam privilegiar a capacidade de reflexão sobre qualquer tempo histórico, em detrimento de uma pesada carga de conteúdos repassados aos alunos como cumprimento de um programa preestabelecido. Os eixos temáticos e seus temas deveriam proporcionar ao aluno a oportunidade de perceber os conflitos de situação de dominação, luta, igualdade e diversidade, as questões referentes às grandes transformações políticas e tecnológicas atuais e seus desdobramentos. Porém, segundo as professoras, os eixos temáticos, na realidade, não garantem que os alunos de uma mesma série e com professoras diferentes aprendam os mesmos conteúdos históricos já que os eixos -temáticos trabalham com conceitos e não com fatos.

Para elas o fato de uma professora trabalhar com o conceito de democracia na Grécia e a outra no Brasil pós-ditadura militar não possibilita ao aluno o conhecimento sobre um período da História e sim sobre um tema utilizado pela História. Além disso, a abrangência e a diferença de tratamento e escolha de temas feitos pelas professoras de anos anteriores prejudicam a progressão do trabalho nos anos seguintes justamente por não garantir que alunos vindos de classe e até mesmo escolas diferentes tenham o mesmo conhecimento sem se prejudicarem.

Segundo a professora da escola *número 1* as reuniões de HTPC⁴ seriam o momento ideal para se discutir como os conteúdos deveriam ser trabalhados, para conhecer o histórico dos alunos, discutir novos projetos interdisciplinares, eventos, novas propostas pedagógicas para a escola, entre outras coisas que melhorariam o desenvolvimento dos alunos. Nessas reuniões a dificuldade encontrada pelos professores para administrar a diversidade de alunos poderia ser diminuída se elas fossem realmente destinadas ao seu propósito. A professora da escola *número 1* afirma que nas reuniões de HTPC pouquíssimos professores compareciam para as discussões em conjunto pelo mesmo motivo que ela julgava ser o que prejudica as aulas “os professores tem que trabalhar em três escolas para conseguir um salário digno e por isso os horários nunca coincidem para reunir todos os professores da escola para discutir soluções

⁴ Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo que tem como objetivo articular os diversos segmentos da escola para a construção e implementação do seu trabalho pedagógico além de planejar e reavaliar as atividades realizadas em sala de aula.

práticas para os problemas”. Outro motivo que leva as reuniões de HTPC desta escola não serem o que realmente deveriam ser é a falta de estímulo das professoras de trabalhar frente ao mau comportamento dos alunos, já que as reuniões que teriam que ser destinadas a propor melhorias para o desenvolvimento das atividades escolares ficam restritas a discussões sobre o que fazer com alunos mal comportados que atrapalham a aula. Na escola *número 2*, as reuniões de HTPC também não diferem muito das reuniões da escola *número 1* salvo o fato de que nelas as professoras comparecem com mais frequência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, pode-se verificar a grande diferença existente entre salas de aula de duas escolas da rede pública que seguem a mesma política e possuem os mesmos objetivos frente às propostas feitas pelo Estado de São Paulo e Governo Federal. O que de fato ocorre para que a disparidade existente entre esses dois ambientes permaneça é a distante relação que ocorre entre os órgãos superiores que estabelecem as normas para a Educação e os organismos que efetivam esta Educação. Segundo a professora da escola *número 2*, os PCNs foram entregues às professoras mas, em muitos casos estas não possuem meios para trabalhá-los e aprimorar seus conhecimentos a respeito deles. Ela diz utilizar alguns pressupostos dos PCN, pois eles a ajudam a melhorar a qualidade de suas aulas, porém, eles acabam muitas vezes não atendendo a realidade da sala de aula devido ao grande número de alunos e a falta de recursos.

As propostas dos PCNs agradam às professoras mas a sua implementação se depara com barreiras que nem sempre estão ao alcance dessas mesmas professoras para serem quebradas. A falta de investimento em cursos, materiais didáticos e recursos físicos que são encontradas em todas as Instituições Escolares da Rede Pública Nacional, barram muitas vezes a função escolar que surge com as novas propostas ao impedir que estas sejam realmente implementadas no interior da sala de aula. A necessidade de ter uma concepção de educação na qual a relação aluno professor seja reavaliada de modo que o fim da hierarquia presente dentro do ambiente escolar deixe de ser uma proposta e passe a ser realmente efetuada se choca com aspectos culturais inerentes a este ambiente que com a implementação dos PCN poderiam ser modificadas. Somente com mudanças efetivas nas políticas educacionais, de maneira particular no interior da escola poderemos dizer que o professor será mediador do conhecimento que deve ser construído pelo próprio aluno. A expectativa é que o aluno seja considerado o agente do processo ensino-aprendizagem e que, ele seja inserido neste processo, com sua realidade, com seu repertório.

ANEXOS

ENTREVISTA COM OS ALUNOS

1. O que vocês acham de aprender história?

- Aprender história é voltar no tempo e ver como foi a vida da nossa família e entender de onde a gente veio. *(5 alunos da primeira escola e 7 alunos da segunda).*
- A gente só gosta de estudar quando a gente gosta da professora, e é por isso que eu gosto dessa matéria. *(3 alunos da primeira escola e 6 alunos da segunda).*
- Nem sei para quê serve essa matéria, só fala de gente morta e coisa que eu nem vou ver na vida. *.(6 alunos da primeira escola e 4 alunos da segunda)*
- Essa aula é muito chata, a professora só faz a gente copiar, é por isso que eu nem faço nada. *.(6 alunos da primeira escola e 3 alunos da segunda).*

2. O que vocês acham da aula da professora? O que pode melhorar?

- A professora ensina bem e a aula é muito interessante por que a gente vê coisas diferentes. Não tem nada para melhorar. *.(5 alunos da primeira escola e 12 alunos da segunda).*
- A professora faz todo dia a mesma coisa, lição na lousa e fala um pouco sobre o assunto. Ela podia passar menos lição na lousa e falar mais de coisas atuais.*(6 alunos da primeira escola e 3 alunos da segunda).*
- A aula é chata, não entendo nada que a professora fala. Ela podia passar filmes e música e discutir com a gente.*(9 alunos da primeira escola e 5 alunos da segunda).*

3. Vocês acham História uma disciplina importante para aprender na escola? Por que?

- Sim. Mostra por que as coisas estão assim hoje e como a gente pode fazer as coisas mudarem.*(7 alunos da primeira escola e 11 alunos da segunda).*
- Mais ou menos, às vezes parece que está tudo muito longe e só quando a professora fala de coisas de hoje é que dá pra ver importância.*(3 alunos da primeira escola e 4 alunos da segunda).*
- Não por que estudar o que já aconteceu se isso tudo já passou.*(10 alunos da primeira escola e 5 alunos da segunda).*

4. O que vocês consideram importante aprender na escola?

- Coisas que façam a gente saber conversar, ler e interpretar.*(5 alunos da primeira escola e 8 alunos da segunda).*
- Coisas que sejam importantes para a gente trabalhar.*(10 alunos da primeira escola e 7 alunos da segunda).*
- Coisas fáceis que façam a gente passar de ano.*(5 alunos da primeira escola e 5 alunos da segunda).*

5. Vocês acham que aprender história é importante para o futuro de vocês?

- Sim, por que ajuda a gente entender o mundo.*(7 alunos da primeira escola e 12 alunos da segunda).*
- Não, por que ela só fala do passado.*(13 alunos da primeira escola e 8 alunos da segunda).*

ENTREVISTA COM AS COORDENADORAS DAS ESCOLAS

Entrevista com a coordenadora da escola *número 1*

1. Como a senhora analisa o ensino em sua escola?

R. Bom, as professoras e professores são muito bons, trabalham o conteúdo planejado com os alunos e buscam se especializar. Porém, há um grande problema que eu acho que atinge a educação pública em geral: a indisciplina. Os alunos de hoje não querem mais saber de nada, não respeitam as professoras e isso dificulta muito o nosso trabalho.

2. Quais os motivos de tanta indisciplina?

R. Eu acho que a família cobra mais dos alunos como era antes. Antes se um filho tivesse alguma advertência da escola os pais ficavam em cima para que ele melhorasse, hoje isso não ocorre. Nos muitas vezes nem conseguimos falar diretamente com os pais sobre os problemas de seu filho, então na cabeça dos alunos seus pais legitimam suas atitudes na escola.

- *A senhora acha que a maneira de uma professora ministrar suas aulas contribui para a indisciplina?*

R. Acho que sim, mas o desinteresse do aluno é tão alto que as professoras perdem o estímulo. É claro que uma boa aula, com materiais diversos prende mais a atenção dos alunos, mas as professoras da rede pública não têm muito tempo para preparar suas aulas e quando se deparam com a indisciplina elas não tem animo para trabalhar.

3. Com relação às políticas voltadas à educação, o que a senhora tem a dizer?

R. O governo deixa muito a desejar. Joga um monte de alunos nas escolas e nós somos obrigados a trabalhar com um numero muito elevado de alunos, o que prejudica o desenvolvimento de um bom trabalho. Apesar de desenvolver alguns trabalhos extra-classe com os professores, o trabalho de reciclagem deve ser posto em prática para que as professoras possam se atualizar e assim melhor trabalhar.

4. O que a senhora acha dos PCNs?

R. Os PCNs são muito bons por que mostram um grande leque de possibilidades para trabalhar, mas devido às dificuldades do professor dentro e fora da sala de aula fica difícil trabalha-los devidamente.

- *Quais são essas dificuldades?*

R. Bom são aquelas que eu te disse antes. Indisciplina dentro da sala de aula e falta de tempo para o professor se preparar, além da falta de estrutura para o trabalho com esse tipo de material que devido à impossibilidade de tempo do professor de estar fazendo curso muitas vezes ele não sabe como manejar este material.

5. A escola tem algum projeto para ser desenvolvido com os alunos da 7ª série que vise à união com outras disciplinas?

R. Sim, com a 7ª série a escola está desenvolvendo um trabalho sobre imigração que conta com a participação das professoras de História, Português, Geografia e Ciências.

- *Qual a importância desse tipo de trabalho?*

R. Ele desenvolve nos alunos uma capacidade de assimilação maior dos conteúdos e mostra a eles que as disciplinas estão interligadas. E com isso também, nós não fazemos um ensino fragmentado.

Entrevista com a coordenadora da escola número 2

1. Como a senhora analisa o ensino em sua escola?

R. Acho que os professores se esforçam muito para desenvolver todo o conteúdo com os alunos e isso faz com que eles tenham um nível de aprendizado muito bom apesar de serem indisciplinados às vezes. Nossa escola oferece acesso à biblioteca e os professores incentivam os alunos a pesquisarem, embora muitos não aproveitem essa oportunidade. Há um trabalho em equipe dos professores na HTCP para discutir como melhores o desenvolvimento das salas. Mas nem tudo é perfeito assim como eu te falei, muitas das nossas propostas barram na falta de tempo do professor e na deficiência material e física da escola.

2. O nível de indisciplina é alto na escola?

R. Os alunos de hoje são muito agitados, os professores e coordenação da escola tem que se esforçar para que os alunos se concentrem na aula, mas muitos alunos não querem saber de nada. Eu não julgo o nível indisciplinar muito alto, mas a indisciplina é freqüente.

- *Quais os motivos dessa indisciplina?*

R. Muitos alunos vêm a escola como um passa tempo ou não entendem o porque estão aqui, a importância da escola. Não há u trabalho social com os jovens para faze-los estudar e sentir o quão isto é fundamental para suas vidas. A escola esta muito distante de suas realidades.

3. Com relação às políticas voltadas à educação, o que a senhora tem a dizer?

R. Não há uma preocupação do governo com a escola pública, nós só recebemos o salário muito baixo e um monte de coisas nos é jogada, mas sem preparo para desenvolvê-las. O governo quer uma escola boa que ele mesmo abandona. Nós não temos meios para desenvolver nosso trabalho da forma como gostaríamos e apesar disso fazemos o máximo para que os alunos aprendam da melhor forma possível.

4. O que a senhora acha dos PCNs?

R. Os PCNs são um instrumento que o governo criou para tentar facilitar e dinamizar o ensino. Nesse sentido eles são muito bons, mas quando se tenta realizar na prática todos os pressupostos que contém nós vemos que é muito difícil trabalhar com ele.

- *Quais os aspectos que a senhora julga serem difíceis de trabalhar nos PCNs?*

R. Eles propõem o trabalho com diversos tipos de materiais em todas as disciplinas e diversas abordagens do tema, mas o governo não fornece materiais que eles querem que a gente utilize e muitas vezes os alunos não conseguem compreender as visões amplas do ensino.

5. A escola tem algum projeto para ser desenvolvido com os alunos da 7ª série que vise a união com outras disciplinas?

R. Sim temos um projeto que se chama Terra Paulista que quer desenvolver com os alunos a história do estado de São Paulo e conta com português, história e geografia para trabalhar a escrita e interpretação de textos, acontecimentos que fizeram o estado de São Paulo e a cidade de São Paulo serem tão importantes e o aspecto físico do estado.

- *Qual a importância desse tipo de trabalho?*

R. Mostrar aos alunos que os professores trabalham juntos e também com isso seguirmos a orientação da interdisciplinaridade que ajuda a complementar o ensino e o aprendizado.

ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

Entrevista com a professora da escola *número 1*

1. O que a senhora acha do Ensino de História?

R. O Ensino de História é muito importante por que faz com que os alunos compreendam o que aconteceu ao longo dos anos até os dias de hoje. A História nos leva ao passado e nos transporta a um mundo que hoje não vivemos mais.

2. Teve alguma modificação no Ensinar História nos últimos anos?

R. Mudou sim, hoje nós temos mais autonomia para trabalhar dentro da sala de aula e, comparando com antigamente os recursos são bem maiores. Hoje também os alunos são bem diferentes, são mais críticos, mas antigamente não havia tanta indisciplina e as aulas rendiam mais.

3. O que a senhora acha da indisciplina dos alunos?

R. Os pais não acompanham mais o ensino dos seus filhos e isso dá liberdade para que eles façam o que quiser na escola. Os alunos não respeitam mais as professoras e diretor da escola e com isso fica impossível trabalhar.

4. A senhora tem conhecimento dos PCNs? O que acha sobre eles?

R. Os PCNs são muito bons, mas é um instrumento pouco trabalhado com as professoras em geral. Tem muitas propostas boas, mas que na sala de aula ficam difíceis de serem aplicadas devido à falta de recursos.

5. Quais são os pontos positivos e negativos dos PCNs?

R. Os pontos positivos são que os professores podem trabalhar de forma diversificada dentro da sala de aula, mas isso é bem difícil por que não há muito recurso. Os Eixos Temáticos eu considero um ponto negativo por que não garante que todos os alunos da escola aprendam os mesmos conteúdos.

6. O que a senhora acha da interdisciplinaridade?

R. É muito bom por que assim podemos trabalhar diversos assuntos de modo diferenciado fazendo com que a aula se torne muito mais interessante para os alunos.

Entrevista com a professora da escola número 2

1. O que a senhora acha do Ensino de História?

R. O Ensino de História é importante por que nos dá respostas para compreender o mundo no qual vivemos. Para os alunos, aprender os conteúdos de História é essencial por que sem ter conhecimento do passado eles não conseguirão transpassar as dificuldades hoje encontradas.

2. Teve alguma modificação no Ensinar História nos últimos anos?

R. Sim, antigamente as professoras não tinham recursos adequados para desenvolver seu trabalho de uma maneira na qual o aluno sinta interesse pelos assuntos. Atualmente são oferecidos cursos especialização para as professoras que nos ajudam a sempre melhorar nosso trabalho.

3. O que a senhora acha da indisciplina dos alunos?

R. A indisciplina aumentou muito nos últimos tempos. Acho que os alunos não compreendem mais o verdadeiro significado da escola e a tem como um espaço de diversão. Acho que a escola deve resgatar o interesse dos alunos, pois a antiga estrutura do ensino não condiz com o interesse dos alunos.

4. A senhora tem conhecimento dos PCNs? O que acha sobre eles?

R. Os PCNs dão margem a um trabalho diversificado dentro da sala de aula, com suas novas abordagens quanto ao tipo de material utilizado e a abordagem que pode ser utilizada no ensinar História.

5. Quais são os pontos positivos e negativos dos PCNs?

R. Os PCNs são bons por que auxilia as professoras a mostrar para os alunos que a História não está longe de suas vidas, além de dar utilização a fontes documentais que facilita o trabalho. Porém, os PCNs dão muita flexibilidade para as professoras trabalharem o que quiserem com os Eixos Temáticos o que dificulta a progressão do aprendizado.

6. O que a senhora acha da interdisciplinaridade?

R. É essencial para que os alunos entendam que o ensino é único e que todos os conteúdos são importantes para suas vidas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História*. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CENPE/SE. *Proposta Curricular para o ensino de História, 1º Grau*. São Paulo: Secretaria da Educação, 1992.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 18 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).

_____. *Conformismo e resistência; aspectos da cultura popular no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COLL, César et. alli. *O construtivismo na sala de aula*. Trad. Cláudia Scilling. São Paulo: Ática, 1996.

DAVID, Célia Maria. *Mudanças e resistências que permeiam o processo de ensino aprendizagem em História: uma revisão historiográfica e pedagógica no ensino público fundamental de Franca*. Franca: Unesp, 2001.

FAZENDA, I. C. A (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.

FONSECA, Selva Guimarães, *Caminhos da História Ensinada*. Campinas: Papirus, 1994.(Col. Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).

_____. *Didática e prática de ensino de História: experiência, reflexões e aprendizados*. Campinas: Papirus, 2003.

LE GOFF, Jaques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. *A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

PETRUCI, Maria das Graças Ribeiro Moreira. *A prática pedagógica do professor de 4º série do 1º grau em relação à proposta curricular de história: um estudo nas escolas estaduais de Franca*. Campinas: Unicamp, 1996 (Tese de Doutorado).

PIAGET, Jean. *Psicologia e pedagogia*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1985.

ROSA, Sanny S. da. *Construtivismo e mudança*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1998 (Questões da nossa época; v. 29).